

Editorial

Os *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, periódico integrante do portal de Revistas da USP, apresenta seu volume 22, número 02 de 2017, um dossiê com 8 artigos sobre a obra de Max Horkheimer. Em 22 e 23 de setembro de 2016 foi realizado na Universidade de São Paulo o *Colóquio Internacional Max Horkheimer e a Teoria Crítica*, que reuniu pesquisadores brasileiros e estrangeiros (com apoio Fapesp por meio do projeto temático do Núcleo de Direito e Democracia do Cebrap). Os artigos aqui publicados são resultados das apresentações e debates no contexto deste colóquio, e foram analisados de acordo com as regras editoriais dos *Cadernos* e submetidos à análise cega de pares. Sua temática abarca os pontos de contatos de Horkheimer com outros autores, análises de conceitos e questões internas à sua filosofia e leituras que têm em vista temas contemporâneos.

Ao analisar o conceito de Esclarecimento em escritos de Horkheimer de fins de anos 1920/anos 1930 e na década de 1940 em “Genealogia e historicismo crítico: dois modelos de Esclarecimento nos escritos de Horkheimer e Adorno”, John Abromeit aponta que o modelo historicista crítico predominante nos anos 1920/1930 (e ainda presente em certa medida nos anos 1940) pode trazer contribuições para a Teoria Crítica no presente. Distintamente da formulação genealógica da *Dialética do esclarecimento*, o modelo de Esclarecimento que Abromeit busca recuperar se refere aos ideais críticos e antiautoritários que marcaram o desenvolvimento da sociedade burguesa, especialmente presentes no Esclarecimento francês, mesmo tendo em conta os limites desta

Editorial

concepção de Esclarecimento. O modelo historicista crítico representa um esforço para compreender de modo autorreflexivo as condições sociais, sendo proposto como alternativa às tentativas de situar a Teoria Crítica em fundamentos normativos.

Em “A presença de Nietzsche no percurso intelectual de Horkheimer”, Eduardo Brandão sublinha as distintas abordagens da filosofia de Nietzsche ao longo de trabalhos de Horkheimer entre os anos 1920 e início da década de 1940, considerando a contraposição desta filosofia ao marxismo, que teria perdido significativamente a capacidade de explicar os fenômenos do presente. São referidas a interpretação de Habermas sobre esta aproximação, textos de Horkheimer dos anos 1930 até “O fim da razão” (1941) e uma discussão de 1942 sobre Nietzsche no âmbito do Instituto de pesquisas sociais.

Maria Lúcia Cacciola, em “O tema da razão em Horkheimer e Schopenhauer”, argumenta que, a par de distinções em suas concepções sobre a razão, os autores têm em comum a elaboração de uma crítica à razão que tem por alvo a filosofia kantiana e a noção de sistema - em *Eclipse da razão* e na *Dialética do esclarecimento*. São expostos os confrontos de Schopenhauer com Kant e Hegel referidos por Horkheimer e é explicitada a especificidade de sua leitura, especialmente em um texto tardio, “Atualidade de Schopenhauer”, que abre espaço para o que Lütkeaus denomina a “esquerda schopenhaueriana”, contrapondo a percepção de um “inconformismo schopenhaueriano” à interpretação de Schopenhauer como um apologista do *status quo* por Lukács.

No artigo “Repensando o déficit sociológico da teoria crítica: de Honneth a Horkheimer”, Rúrion Melo argumenta em favor da recuperação de trabalhos de Horkheimer dos anos 1930 para sanar impasses que surgem na teoria honnethiana quando é abandonado o “paradigma da luta por reconhecimento” em prol de uma teoria do reconhecimento em geral e de um projeto de “reconstrução normativa” das instituições sociais.

Sem situar-se fora do projeto de reconstrução normativa, Melo propõe apoiar-se no vínculo entre filosofia social e pesquisa social esboçado por Horkheimer nos anos 1930 para superar suas dificuldades.

Franciele Bete Petry, em “Razão, filosofia e formação em Max Horkheimer”, apresenta o diagnóstico de Horkheimer sobre o predomínio da razão instrumental em “O fim da razão” e sobre a possibilidade de resistência, por meio de um pensamento não conformista, que é identificado como o pensamento filosófico. Essa resistência se dá na medida em que a filosofia cumpre uma função de formação do sujeito. Por fim, aborda-se a experiência universitária para além de uma função instrumental de profissionalização, enquanto espaço que possibilita o desenvolvimento do indivíduo, em íntima relação com o humanismo.

Luiz Repa, em “Crítica da esquerda, crítica da razão - uma visão de conjunto sobre o pensamento de Horkheimer nos anos 1940”, discute as motivações e diferentes vias da crítica da razão. Sobre suas motivações, argumenta-se, com base em “Estado autoritário” (1940), que a razão se torna problema central para a Teoria Crítica apenas quando as forças de oposição, as forças de esquerda, parecem contaminadas em sua raiz e só resta a suspeita sistemática da razão sobre si mesma. Mas os caminhos escolhidos para esta crítica divergem, em *Eclipse da razão* e *Dialética do esclarecimento*, principalmente nas coordenadas históricas aplicadas em cada caso. Assim, *Eclipse da razão* apresenta mais mediações históricas e uma via kantiana de crítica, ao passo que a *Dialética do esclarecimento*, ao não postular uma diferença entre razão objetiva e subjetiva, segue uma estratégia nietzschiana ao desvelar a relação entre razão e dominação, que faz da aporia um princípio de utopia.

Em “Crises e transformações do capitalismo - o diagnóstico de época de Friedrich Pollock”, Fernando Rugitsky discute questões essenciais ao pensamento de Horkheimer, tratadas por seu colega de Instituto e influenciador, o economista Friedrich Pollock: análises do potencial das

crises do capitalismo para conduzi-los à sua derrocada e o questionamento da identidade entre planejamento econômico e emancipação tendo em vista o fracasso da experiência soviética. São mobilizados textos de Pollock da década de 1930 que já apontam para essa problemática, bem como a sua célebre formulação do capitalismo de Estado, que teve papel central no diagnóstico de época de Horkheimer nos anos 1940.

Karin Stoegner, em “‘Para além do Princípio de Gênero’: Horkheimer e Adorno sobre o Problema de Gênero e Identificação”, recupera as referências da primeira Teoria Crítica a questões de gênero com base em uma nota de Horkheimer dos anos 1950 (“Para além do Princípio de Gênero”), em *Eclipse da razão, Dialética do esclarecimento* e em *Minima Moralia*, de Adorno. A autora desvela que então a Teoria Crítica já questionava o conceito de gênero binário, contra Freud, e o confrontava com base em uma crítica da identificação como dominação da natureza, em consonância com a compreensão do processo de subjetivação como processo de dominação contínua, na *Dialética do esclarecimento*. Também é exposto que Horkheimer e Adorno se referiam à disseminada imagem sexista da “mulher como natureza” sem essencializá-la ou disseminá-la, transformando-a em uma imagem dialética, o que permite que, a partir de uma crítica imanente, denunciem a relação da sociedade com a natureza.

Por fim, reforçamos o convite às nossas leitoras e aos nossos leitores para que contribuam, através da submissão de textos, com a interlocução filosófica que os Cadernos pretendem estimular e aprofundar.